

É FESTA!



Somos de fora! Corre!

Visitantes não eram bem-vindos no baile

O ensaio da banda

Revistas, rádio, para preparar o baile.

A festa era a taubaína

Taubaína e não tubaína. Era a festa.

Briga de galo

Um espetáculo de horror, mas gostavam.

O circo chegou!

A criançada fazia de tudo para ver o circo.



Somos de fora! Corre!

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Anos 50, sábado, dia de tentar uns flertes no jardim, no centro. Flerte é como se dizia paquera, naquele tempo. Terno branco, sapato bem lustrado. Bicicleta motorizada, que ele mesmo montou.

- Vamu, Durvalino!

Lá foram os primos, Sebastião e Durvalino, pelas ruas poeirentas, para a Praça Mello Peixoto.

Movimento fraco, no jardim. Nada de meninas.

- Tem baile na Vila Odilon. Vamos prá lá? É longe, mas com a possante, chega rapidinho...

Vila Odilon era quase outra cidade. Foram: festa na Vila, muita gente, muitas moças bonitas, muita alegria. Mas os “nativos” não gostam de estranhos!

- Ei esses são de fora. Aqui não pode ir se achegando não!

- Corre, vai dar encrenca.

Bendita bicicleta, eita motorzinho bão, pega de primeira. Deu prá correr em tempo.

Parece que era moda. Moços de Ourinhos iam para o baile em Chavantes e tinham até orgulho em dizer que apanharam. O mesmo para os moços de Chavantes que vinham para Ourinhos. Ou de Santa Cruz do Rio Pardo. Era bonito. E a moda pegava, também entre os bairros da cidade.





O ensaio da banda

Ana Lúcia Chiaradia

Ourinhos, anos 50. Rua Goiás, 106. Barra Funda (ou “para baixo da linha”, como diziam alguns).

Os ensaios da Lino Ferrari e sua Orquestra eram lá. Seu Américo, o regente da banda municipal, sempre presente. Faísca, do contrabaixo, Ramiro, da bateria, além do Lino, claro, no sax eram estrelas.

Os ensaios eram para conhecer, escolher e ensaiar músicas que estavam fazendo sucesso no rádio. (Emilinha, Marlene, Nelson Gonçalves, Luíz Gonzaga, por aí.) O Lino comprava uma revista que trazia as partituras dos lançamentos. Lá pelas 8 da noite, o pessoal ia chegando: mesa posta, lanches e água que passarinho não bebe.

E o ensaio começava.

As músicas que iam animar as festas do Grêmio começavam ali. E eu, privilegiada, ficava sabendo antes o que ia tocar no próximo baile.

Nos anos 50, os bailes eram com orquestras que ficaram famosas. Cada cidade tinha a sua. Alguns exemplos de bandas da época: Nelson de Tupã, Marajoara de Bauru, Continental de Jaú, Pedrinho de Guararapes. Ourinhos não ficava muito atrás: Lino Ferrari era bem conhecido nas cidades vizinhas.





A festa era a taubaína

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

- Caiçara!!!!

- Mãe, o Mané veio trazê a taubaína!

Era a bebida para a festa que estava chegando. Uma caixa de taubaína era sagrada na Páscoa, no Natal, nos aniversários.

Como era gostoso! Não era só um ingrediente da festa: era a própria festa!

A fábrica ficava ali mesmo bem pertinho e a gente até sentia o cheiro da essência no ar. Ainda hoje sinto o sabor e o aroma daquele refrigerante que fez parte da mesa de muitos ourinhenses durante décadas. Era a alegria da criançada, quando o Mané entregador batia no portão gritando:

- Caiçaraaaaa!!!!

O costume era esse: refrigerante só em dia de festa. Ourinhos fabricava seus próprios refrigerantes. Os Ferrari fabricaram o guaraná Ivoram e a Tex Cola. Depois veio o Guaraná Caiçara. Taubaína tinha esse nome mesmo e não tubaína como se diz em São Paulo. Coca-Cola era uma coisa exótica. De fora mesmo era a Caçulinha da Antártica.





Briga de galo

Agenor Rossignoli

A rinha de galo ficava ali perto do campo do Operário, prá baixo da linha, como se dizia.

"Di menor" não entrava. Nunca entrei.

O espetáculo era uma luta entre dois galos de proprietários diferentes. Havia aposta em dinheiro, em um galo ou outro. E tinha início o espetáculo de sangue, que só terminava quando um galo matava o outro. Ou quando um estava tão fraco que já não mais conseguia lutar. Era repugnante. Um verdadeiro circo de horror.

Eu cheguei a ver algumas brigas de galo, não na rinha, mas nas ruas da vila em que morava.

Parecia o nosso cenário político de hoje: só vai terminar quando um estiver morto ou completamente anulado para o combate.

E o povo ia ao delírio.





O circo chegou!

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Primeiro dia de aula do Zé Roberto.

Do grupinho em casa, na vila Perino, era perto. Ninguém se perdia. Dona Rosinha, ouvindo rádio, percebeu que já eram cinco da tarde.

- Cadê esse menino, que saiu da escola às quatro? A escola é um pulinho daqui!

Diziam que um tal de Zé Toicinho pegava criancinhas que estavam sozinhas pelas ruas. Preocupava. Bastião, o pai, trabalhava na Rede até 5 da tarde. Chegou ali pelas cinco e pouco:

- Bastião vai atrás, pelamordedeus. Eu não posso sair daqui. Tem os pequenos que não posso levar junto, nem deixar...

Lá foi o Bastião com sua moto preta, a 200 km por hora. Um caminhão vinha descendo a José Felipe do Amaral. Moto e caminhão se encontraram exatamente no mesmo minuto naquela esquina da Floriano Peixoto com a José Felipe do Amaral.

Ferimentos, hospital, braço quebrado, moto destruída...





O circo chegou...

E lá pelas cinco e meia chega o Zé Roberto:

- Tava vendo o leão, o elefante, o macaco. Parei
prá ver o circo que chegou!

No meio do caminho tinha um circo, tinha um
circo no meio do caminho!

As crianças iam sozinhas para a escola ou para qualquer lugar. Não havia perigo, nem mesmo de atropelamento, até por falta de veículos nas ruas. Ameaças, como essa do Zé Toicinho, eram, quase sempre, apenas lendas. A lenda do Zé Toicinho, esforçado carregador de sacos nas algodoceiras, dizia que sua preferência eram as moças, acompanhadas ou não.

